

# O CORREDOR DA MODA DO NORTE-NOROESTE DO PARANÁ À LUZ DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

Marcia Regina Gabardo da Camara\*

Luiz Gustavo Antonio de Souza\*\*

Maria Aparecida de Oliveira\*\*\*

## RESUMO

A moda é um componente que influencia tanto a jusante como a montante da cadeia têxtil-vestuário. A cadeia têxtil-vestuário brasileira, em geral, está organizada em arranjos produtivos locais – empresas localizadas em uma determinada região que desenvolvem suas atividades de forma articulada e com uma lógica em comum. Este artigo discute o grau de desenvolvimento do corredor da moda do eixo norte e noroeste do Paraná por meio da análise de arranjos produtivos locais, abrangendo as cidades de Cianorte, Apucarana, Maringá e Londrina, a partir dos graus de especialização obtidos pelo cálculo dos quocientes locais de emprego e estabelecimentos. Constatou-se que há especialização na região em relação ao Estado, sendo algumas das cidades reconhecidas nacionalmente no setor, além de possuírem sinergias ocasionadas pelas localizações próximas, gerando ganhos para a economia regional. Identificou-se a predominância de etapas da cadeia de forma distinta para cada cidade analisada. Cianorte e Apucarana possuem elevados graus de especialização captados pelos quocientes, enquanto Londrina e Maringá possuem baixa especialização,

## ABSTRACT

Fashion is a component that influences the textile-clothing chain from its beginning to its end. In general, the Brazilian textile-clothing chain is organized as local productive arrangement – companies that develop their activities in an articulated way, share the same interests to reach a common goal and are located in the same region. The present article discusses the development of the north/northwest fashion corridor in Paraná by analyzing the local productive arrangements in Cianorte, Apucarana, Maringá and Londrina, concerning the specialization degree obtained through the job and business location quotients. As we could notice, the region is specialized in the textile-clothing sector and several of its cities are nationally known in that sector. In addition, the cities are geographically very close to each other what creates a synergy among them and contributes for the regional economy development. We identified that in each city predominates a different step of the chain. In Cianorte and Apucarana the quotients identified a high specialization degree, while in Londrina and Maringá specialization degree is low but predominates in almost every

\* Economista, doutora em Economia pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Mestrado em Administração da UEL/UEM. mgabardo@sercomtel.com.br

\*\* Economista, bolsista do CNPq. luizgustavo@sercomtel.com.br

\*\*\* Economista e Tecnóloga em Processamento de Dados, mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), pesquisadora do IPARDES. cidaoliveira@terra.com.br

Artigo recebido para publicação em março/2006. Aceito para publicação em setembro/2006.

porém com predominância em quase todas as etapas da cadeia produtiva, característica associada ao elevado grau de diversificação das economias londrinense e maringaense. Conclui-se que houve transbordamento e que as vantagens de aglomerações beneficiam os quatro APLs, dada a proximidade geográfica. Ademais, eles devem ser beneficiados em conjunto pelas políticas públicas para transformar a região em pólo exportador reconhecido no futuro, via implantação de programas como APL (Arranjos Produtivos Locais) e PEIEX (Programa Extensão Industrial Exportadora) nos APLs das quatro cidades que constituem o corredor da moda do Paraná.

**Palavras-chave:** Arranjo Produtivo Local; têxtil-vestuário; corredor da moda; Paraná.

step of the production chain, what is a characteristic of the those cities diversified economies. We inferred there was spill-over and that agglomeration is advantageous to the four Local Productive Arrangements due to their geographic nearness. Besides that, they will probably be benefited by public policies addressed to transforming the industries of that region into exporting industries by implanting programs such as the Local Productive Arrangement program and the Exporting Industry Expansion Program (EIEP) in the four cities forming the Paraná Fashion Corridor.

**Key words:** Local Productive Arrangement; textile-clothing; fashion corridor; Paraná.

## INTRODUÇÃO

O interesse por aglomerações de empresas tem crescido nos últimos anos, tanto por parte de universidades e institutos de pesquisa quanto pelo setor público, que vêem nesses arranjos uma importante fonte para o desenvolvimento local. O estudo do corredor da moda do eixo norte e noroeste do Paraná se justifica pela presença de especialização na cadeia têxtil-vestuário das cidades de Cianorte, Apucarana, Londrina e Maringá, além da presença de sinergias ocasionadas pela proximidade existente entre elas. O IPARDES (2003) realizou um estudo prévio e mapeou os arranjos produtivos localizados no Paraná. Em IPARDES (2005a; 2005b; 2005c) identificou-se a presença de possíveis arranjos produtivos locais (APLs) e adotou-se metodologia que validou alguns APLs já conhecidos nacionalmente no setor, bem como outros em vários estágios de desenvolvimento que se beneficiaram pela dimensão geográfica e diversidade produtiva, completando os elos da cadeia ausentes nas outras cidades.

Os APLs são concentrações regionais/locais de firmas que possuem elos (vertical/horizontal/multilateral) e que desenvolvem atividades coordenadas com algum fim em comum. O corredor da moda do eixo norte-noroeste do Paraná é composto por quatro cidades que se interconectam ao longo da cadeia. Apucarana é conhecida nacionalmente pela confecção de bonés, possui apoio governamental para seu desenvolvimento e exporta parcela de sua produção. Londrina e Maringá têm uma importante aglomeração industrial neste setor, contudo não apresentam elevada especialização dada a diversidade produtiva agroindustrial e no setor de serviços, embora têm quase todos os elos da cadeia do corredor da moda. Cianorte é um pólo nacional de confecções, cuja especialização limita-se a alguns setores. A análise integrada do corredor da moda será útil para a formulação de futuras ações públicas e privadas, em função da proximidade regional. Para identificar o desenvolvimento e tipificar o arranjo em questão, utiliza-se o índice de quociente locacional.

O artigo caracteriza-se como predominantemente estatístico, e a hipótese a ser testada quantitativamente versa sobre a existência de aglomerações representativas em termos de número de estabelecimentos e número de empregos no período 1995-2004, nos quatro APLs e no corredor da moda, enquanto um sistema norte-noroeste paranaense de moda. Para qualificar os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE) recorre-se a levantamento bibliográfico e discussão de estudos de caso realizados nos APLs, procurando analisar e comparar a conformação, a estrutura de governança, a cooperação e os mecanismos de aprendizado interativo intrafirmas das quatro aglomerações produtivas. Finaliza-se sugerindo a criação de uma instituição que é o corredor da moda, já legitimada pelas empresas, instituições e órgãos de imprensa regional e estadual.

### 1 AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS: breve revisão de literatura

A relevância dos estudos de *clusters* ou APLs, no Brasil, ganhou fôlego a partir dos estudos de nações industrializadas ou em via de desenvolvimento que superaram barreiras ao potencializarem aglomerações espaciais de indústrias com ligações entre si.

As aglomerações de empresas e instituições em *clusters* têm sido alvo de pesquisa desde os trabalhos de Alfred Marshall, em referência aos distritos industriais ingleses, no final do século XIX. Alguns estudos recentes no Brasil têm se inspirado nas idéias marshallianas. A seguir discutem-se as principais contribuições.

## 1.1 ELEMENTOS TEÓRICOS SOBRE AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS

Albagli e Brito (2003) e Cassiolato e Lastres (2003) definem os arranjos produtivos locais ou *clusters* como: aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais cujo centro é um conjunto específico de atividades econômicas e que apresentam vínculos entre si, mesmo que incipientes. Há a participação e interação de empresas prestadoras de serviços, produtoras de bens e serviços finais, fornecedoras de insumos e equipamentos, instituições públicas e privadas que formam a capacitação de recursos humanos (escolas técnicas e universidades), pesquisa, desenvolvimento e engenharia, política, promoção e financiamento.

Segundo Lins (2000), a aglomeração produtiva ou *cluster* traduz a noção de eficiência coletiva. As empresas que atuam em aglomerações produtivas bem-sucedidas aproveitam as vantagens de aglomeração, e a ação conjunta das empresas permite viabilizar soluções para deficiências de infra-estrutura e treinamento. Verifica-se o fenômeno da competição (cooperação/concorrência), a competitividade entre as empresas da aglomeração produtiva continua existindo, a competência gerencial individual pode fazer a diferença fundamental, mas à medida que os elos horizontais, verticais e multilaterais se intensificam, eles traduzem o amadurecimento do APL e o seu desenvolvimento em direção a um *cluster* avançado tipo italiano ou um sistema de inovação, intensificando os mecanismos de inovação. Para Porter (1998, p.80), as ligações e complementaridades entre as indústrias e instituições mais importantes definem os limites do *cluster* como segue: "um *cluster* de empresas independentes e informalmente ligadas e instituições representa uma forma de organização robusta que oferece vantagens em eficiência, eficácia e flexibilidade".

Os APLs podem ser analisados sob vários aspectos do ponto de vista teórico e empírico (SUZIGAN, 2000). A **nova geografia econômica**, proposta por Krugman (1995), destaca que a aglomeração pode emergir de um acidente histórico e da presença de economias externas acidentais e incidentais. A **economia dos negócios** de Porter (1998) enfatiza a importância da concentração das habilidades locais para as inovações comerciais e tecnológicas, incrementando a competitividade das firmas. A **economia regional**, segundo Markusen (1996) e Pyke e Sengenberger (1992), aborda a tendência, no capitalismo, de as empresas se organizarem em *clusters*, em que a presença do governo pode criar fortes vantagens competitivas regionais. A **economia da inovação**, a partir de Lundvall (1993), Edquist (1997) e Freeman (1995), enfatiza que a concentração geográfica das firmas aumenta sua capacidade de avanço tecnológico por criar um ambiente propício para a geração de conhecimento, por existirem várias pessoas com mútuo interesse num dado local, além do conhecimento tácito gerado pelo setor. A contribuição da ciência regional e da economia da inovação fornece os conceitos para a análise do objeto de estudo do artigo.

A partir das revoluções tecnológicas e da abertura das economias de maneira globalizada, a relevância dada à competição de maneira sistêmica se incrementou,

principalmente no binômio *cluster*-competição, pois ambos estão intrinsecamente relacionados. Para Porter (1998), arranjos ou *clusters* afetam a competição de três formas mais amplas: 1) incrementando a produtividade de empresas baseadas na área; 2) conduzindo a direção e a velocidade da inovação, que guia o crescimento da produtividade; 3) estimulando a formação de novos negócios, o que permite ao aglomerado crescer e se fortalecer. Dessa forma, participar de um aglomerado viabiliza maior eficiência na busca de insumos, acesso a informações e tecnologia, parcerias, e mensuração e motivação para melhorias.

A competição tem se tornado um instrumento muito forte para o desenvolvimento de economias que buscam se inserir nos mercados globalizados. Porém, a estrutura de competição tem passado por profundas alterações, uma vez que a competição via preço cede lugar à competição via inovação e conhecimento. A inovação tem realizado a ruptura de velhas formas de trabalho e estimulado o surgimento de novos tipos de emprego. As firmas podem concorrer através de sua capacidade de inovar, e não só através do preço.

O processo inovativo se dá por meio da firma, que procura maximizar sua produtividade marginal e inicia um processo de busca por novas tecnologias e de criação de novas necessidades que ainda não existem para o consumidor, a exemplo de novos produtos. Schumpeter (1982) destaca que o processo de inovação é interativo e conta com a contribuição de vários agentes econômicos e sociais que possuem diferentes tipos de informações e conhecimentos. A competitividade dos agentes econômicos depende da capacidade de lidar com a informação para transformá-la em conhecimento e inovação, resultando em produtos comercializados com sucesso. Além de ter acesso à informação e possuir um conjunto de habilidades, o agente deve ter capacidade para adquirir novas habilidades e conhecimentos, envolvendo, assim, o aprendizado em seus diferentes prismas.

As inovações podem se realizar de duas maneiras, o que leva à sua classificação em **inovação radical** e **inovação incremental**. Segundo Lemos (1999), a inovação radical ocorre se houver o lançamento de novos produtos, processos e formatos organizacionais, gerando a ruptura (destruição criativa) dos antigos paradigmas tecnológicos, podendo originar novas indústrias, setores e mercados. A inovação incremental, por sua vez, não provoca grandes alterações e pode resultar em uma diminuição de materiais e componentes na produção de um bem, e na otimização de processos de produção e *design* de produtos.

Na indústria têxtil-vestuário predominam as inovações incrementais. De acordo com Pavitt (1984), as inovações neste setor são orientadas pelos fornecedores de equipamentos (indústria mecânica) e pelos fornecedores de fibras artificiais (indústria química). A preferência dos consumidores (contemplada nas inovações em *design* para conquistar novos mercados) é destacada por Kohli e Jaworski (1990), que afirmam que as indústrias relativamente mal posicionadas (e que não podem influenciar e gerar inovações radicais) devem se orientar para o mercado para obter sucesso.

A inovação também pode ser interpretada no sentido proposto por Dosi (1988), que a caracteriza como sendo a busca, descoberta, experimentação, desenvolvimento, imitação e adoção de novos produtos, processos e novas técnicas organizacionais. Foray e Lundvall (1996) destacam duas perspectivas na economia baseada no conhecimento:

uma delas identifica um setor que produz novos conhecimentos ou distribui informações, e a outra considera a criação e difusão de conhecimento que ocorre em atividades rotineiras na economia (aprendendo-fazendo, aprendendo-usando e aprendendo-interagindo). Edquist (2001) salienta a importância dos Sistemas de Inovações (SI), que devem produzir, difundir e usar inovações, podendo ser supranacionais, nacionais e subnacionais (regional, local), bem como podem, ainda, ser setoriais dentro dessas demarcações geográficas. As organizações<sup>1</sup> e instituições<sup>2</sup> são os componentes principais de um sistema de inovação, porém a especificação desses componentes varia entre os sistemas.

Segundo Malerba (2002), os agentes que compõem um sistema setorial são organizações – firmas e não-firmas – caracterizadas por processos de aprendizado específicos, competências, objetivos, estruturas organizacionais e comportamentos. Campos, Cário e Nicolau (2000) afirmam que na indústria têxtil-vestuário há o predomínio de inovações incrementais. Ela é dominada por: a) fornecedores da indústria de bens de capital, que desenvolvem e aprimoram máquinas e equipamentos; e b) fornecedores da indústria química, que produz melhorias nas performances de fibras, corantes, fixadores e tintas.

Para o pleno desenvolvimento do APL, a **cooperação** entre os agentes deve ser intensa, uma “cooperação competitiva”, de forma a incrementar o desempenho industrial e maximizar a eficiência e a competitividade. Segundo Mytelka e Farinelli (2000), é possível distinguir duas formas de cooperação entre firmas: a vertical, que estabelece relações entre firmas que desenvolvem atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva; e a horizontal, que ocorre entre empresas do mesmo porte que atuam num mesmo segmento, podendo envolver instituições de apoio. Entretanto, a cooperação entre os agentes é determinada por diversos fatores, entre eles a estrutura de governança.

Mytelka e Farinelli (2000) destacam a presença de *clusters* informais, organizados e inovativos em países em desenvolvimento. Nos arranjos informais, as formas de coordenação, interação e relações de cooperação interfirmas e entre os diversos agentes são pouco evoluídas, havendo baixa presença de relações de confiança e troca de informações. Os *clusters* organizados têm como principal característica a capacidade de coordenação entre as empresas. Os *clusters* inovativos, por sua vez, são aglomerações de empresas com ênfase adicional no relacionamento entre empresas e instituições que conduzem a inovações de produtos e processos. Neste tipo de *cluster*, as firmas se centram em atividades de tecnologia intensiva, constituindo empresas com grande capacidade para aperfeiçoamentos e adaptações tecnológicas, e realizam parcerias tecnológicas com universidades e centros de pesquisa.

Suzigan (2004) destaca a importância da articulação e da governança no desenvolvimento das aglomerações produtivas especializada. Em arranjos produtivos locais a governança é definida como a capacidade de coordenação ou comando que os diversos agentes envolvidos exercem sobre as inter-relações produtivas, comerciais, tecnológicas,

---

<sup>1</sup>Organizações são estruturas formais com um objetivo explícito e são criadas conscientemente.

<sup>2</sup>Instituições são conjuntos de hábitos comuns, rotinas, práticas estabelecidas, regras, ou leis que regulam as relações e inter-relações entre indivíduos e organizações.

entre outras, influenciando o desenvolvimento de tal arranjo. Campos (2004), apoiando-se em Humphrey e Schmitz (1998), Vargas (2000) e Suzigan et al. (2003), afirma que a estrutura de governança associa-se a uma relação de poder que um determinado agente detém dentro de determinado sistema produtivo, em função das assimetrias observadas entre os agentes deste sistema produtivo, acelerando o desenvolvimento regional.

Segundo Albagli e Britto (2003), a literatura destaca duas formas de governança: a hierárquica, e aquela na forma de "redes". A primeira é caracterizada por apresentar autoridade internalizada em grandes empresas. A governança na forma de "redes" é caracterizada pela ausência de grandes empresas coordenando as atividades econômicas e tecnológicas. A governança do tipo hierárquica, segundo Markusen (1996), pode envolver aglomerações onde há a presença de: a) uma ou algumas grandes empresas que funcionam como "âncora" para a economia da região – são as chamadas aglomerações *hub-and-spoke* (MARKUSEN, 1996), conhecidas ainda como "centro-radiais" (SANTOS et al., 2002); b) plantas industriais de empresas cujas sedes encontram-se fora do aglomerado, denominadas "plataforma industrial satélite" (MARKUSEN, 1996). Nesse caso, decisões de investimento dão-se fora do aglomerado e as empresas "plataforma satélites" podem ficar "especialmente independentes das operações para frente e para trás da cadeia produtiva" (CASSIOLATO; LASTRES, 2001, p.18). A seguir discutem-se tipologias selecionadas de aglomerações.

## 1.2 TIPOLOGIAS PARA A ANÁLISE DE AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS

O critério para filtrar os potenciais APLs para o Estado do Paraná, segundo IPARDES (2003), envolveu uma metodologia que consistiu de duas etapas: na primeira foram realizados os cálculos e, na segunda, uma classificação tipológica, cujos procedimentos foram os seguintes: a) calcularam-se todos os QLEs (emprego) para todos os segmentos-região e em seguida somaram-se todos os QLEs dos segmentos-região e considerou-se (= 100%) e, então, calculou-se a participação relativa do segmento-região no total de QL para empregos; foram utilizados dados da década de 90. Classificaram-se os segmentos-região especializados (QLEs > 1) em Baixa, Média e Alta especialização, adotando: i) Baixa Especialização para participação no QLE total entre 0% e 25%; ii) Média Especialização para participação no QLE total entre 26% e 50%; e iii) Alta Especialização para participação no QLE total maior que 50%. Os mesmos cálculos e tipologia foram aplicados para o Valor Adicionado (VA) determinando os QLVs. O estudo também considerou a importância setorial como critério de seleção de segmentos-região que tenham expressiva participação em empregos e/ou valor adicionado no total da indústria do Estado (0,9%), o que ocorreu em segmentos localizados em regiões mais densas e diversificadas.

IPARDES (2005a), com base em Suzigan et al. (2003; 2004), aplica a tipologia para analisar as aglomerações produtivas do Paraná, considerando o uso dos quocientes locacionais para o ano de 2003, a importância setorial e a importância local: vetor de desenvolvimento local (VDL), núcleo de desenvolvimento setorial regional (NDSR), embrião(E) e vetor avançado(VA), conforme o quadro 1.

Os dois estudos, IPARDES (2003) e IPARDES (2005a), procuraram contemplar o peso de cada segmento-região, determinando "pontos de corte" (magnitude dos QLEs),

filtrando por esse método o número excessivo de segmentos-região “especializados” (QLs > 1) – fruto da superestimação da representatividade de alguns segmentos em regiões com baixa densidade industrial e/ou pouca diversificação. Além de empregos e valor adicionado, em IPARDES (2005a) outros elementos de filtro foram introduzidos: o número de estabelecimentos e a exclusão de segmentos com predomínio de grandes empresas. Além da utilização da magnitude dos QLs como “pontos de corte” – IPARDES (2005a e 2005b) com percentuais maiores do que IPARDES (2003) –, ambos utilizam-se de uma segunda etapa de filtro incorporando o quesito setorial (participação estadual) como mecanismo tipológico classificatório. IPARDES (2005b; 2005c) acrescentou ainda uma terceira etapa: as visitas prévias às empresas e instituições, nos segmentos selecionados pelos filtros, com a finalidade de aferir o capital social e a governança que são utilizados como critério de validação dos APLs.

QUADRO 1 - TIPOLOGIA DAS AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS

IMPORTÂNCIA LOCAL	IMPORTÂNCIA PARA O SETOR	
	Reduzida ( < 20% no emprego da classe no Estado)	Elevada ( = 20% no emprego da classe no Estado)
Elevada (QL = 5)	<i>Vetor de Desenvolvimento Local (VDL)</i>	<i>Núcleo de Desenvolvimento Setorial- Regional (NDSR)</i>
Reduzida (1 < QL < 5)	<i>Embrião de Arranjo Produtivo Local (E)</i>	<i>Vetor Avançado (VA)</i>

FONTE: IPARDES (2005a)

A governança em um arranjo produtivo local refere-se aos diferentes modos de coordenação, intervenção e participação dos diversos agentes, envolvendo o Estado em seus vários níveis, empresas, trabalhadores e organizações não-governamentais, nos processos de decisão locais e nas diversas atividades que envolvem a organização dos fluxos de produção. Para Silva (2004), os modos e relações de governança podem existir ou não em uma estrutura particular, dando origem a tipologias como as propostas por Campos e Vargas (2003), Mytelka e Farinelli (2000) e Cassiolato e Lastres (2001; 2003), que destacam a governança.

Na tipologia de Mytelka e Farinelli (2000) tem-se três tipos de *clusters*: os informais, os organizados e os inovativos, com pré-requisitos para classificação definidos conforme segue:

QUADRO 2 - TIPOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DE AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS NO ITEM GOVERNANÇA

PRÉ-REQUISITOS	AGLOMERAÇÕES INFORMAIS	AGLOMERAÇÕES ORGANIZADAS	AGLOMERAÇÕES INOVATIVAS
Existência de liderança	Baixa	Baixa e média	Alta
Confiança interna	Pequena	Alta	Alta
<i>Linkages</i> (ligações entre os agentes)	Alguma	Alguma	Difundida
Cooperação	Pequena	Alguma ou alta	Média e alta

FONTE: Adaptado de UNCTAD (1998) por Mytelka e Farinelli (2000)



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para acompanhar a evolução das aglomerações municipais do Corredor da Moda são utilizados dados secundários da RAIS no período que vai de 1995 (o Ministério do Trabalho passou a oferecer dados desagregados por segmentos a partir de 1995) a 2004 (data da última série fornecida pelo MTE). O cálculo dos índices de quociente locacional para emprego e número de estabelecimentos permite identificar a existência de aglomerações locais que têm importância estadual, e o uso das séries permite verificar mudanças estruturais. A fórmula proposta pelo IEDI (2002) para calcular o quociente locacional, para emprego ou estabelecimentos, é apresentada a seguir:

$$\text{Para o cálculo dos QLs, utilizou-se a seguinte fórmula: } QL = \frac{SR_{ij}}{TR_j} \times \frac{TE}{SE_i}$$

Onde:

$SR_{ij}$  = Total de empregos ou estabelecimentos do segmento  $i$  no município  $j$ ;

$TR_j$  = Total de empregos ou estabelecimentos do segmento no município  $j$ ;

$SE_i$  = Total de empregos ou estabelecimentos do segmento  $i$  no Brasil;

$TE$  = Total de empregos ou estabelecimentos no Brasil.

Após os cálculos dos QLs fez-se a formatação dos resultados de modo a realizar o enquadramento nas tipologias sugeridas por IPARDES (2005a) e IPARDES (2003), dimensionando a importância e a especialização da aglomeração através das magnitudes dos QLs, participação estadual e setorial. No próximo item analisa-se o corredor da moda.

## 3 OS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E O CORREDOR DA MODA

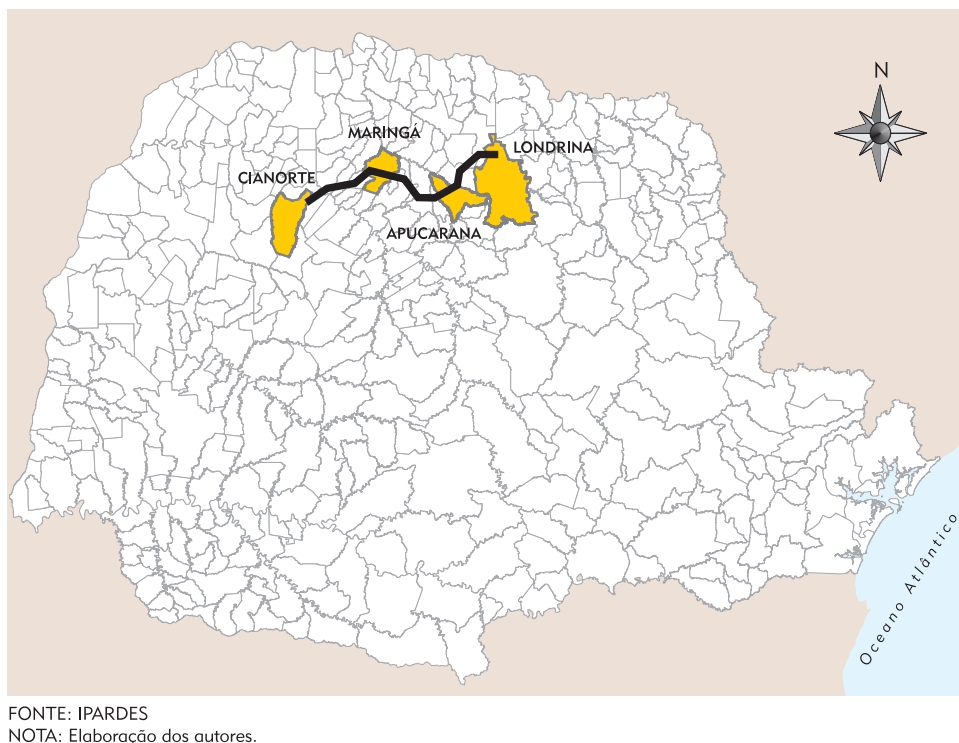
Em 2003, o Estado do Paraná já havia conquistado um posto de destaque na indústria da moda, uma vez que se firmara como o segundo maior pólo industrial de confecção do País. Sua produção era estimada em 150 milhões de peças/ano, com um faturamento anual de R\$ 2,8 bilhões (INDÚSTRIAS, 2004).

Carreira (2001) realizou o primeiro estudo caracterizando o corredor da moda do norte do Paraná, o eixo Londrina-Apucarana-Maringá-Cianorte, conforme ilustra o mapa 1.

A análise de alguns indicadores desses municípios, em 2003, permite verificar o seu grau de importância. Eles produziam 130 milhões de peças por ano, o faturamento passava de R\$ 2 bilhões anuais, possuíam 12 centros atacadistas e 2,4 mil empresas confeccionistas (90% delas eram micro, pequenas e médias empresas), tornando-se os maiores produtores de *jeans* do Brasil (FURLAN, 2003).

Os APLs têxtil-vestuário encontram-se muito próximos regionalmente e as vantagens derivadas da aglomeração de micro e pequenas empresas após 2000 têm atraído novos fornecedores, conforme mostram os estudos de Campos (2004), Oliveira e Maia (2004), elementos confirmados pela evolução dos quocientes locais e pelos dados de evolução do número de empresas, apresentados conforme CNAE na discussão dos APLs de Cianorte, Apucarana, Londrina e Maringá.

MAPA 1 - CORREDOR DA MODA NO NORTE DO PARANÁ - 2003



A tabela 1 apresenta a evolução do número de estabelecimentos no período 1995/2004, em que se verificou a crescente participação do corredor da moda do norte do Paraná no número de estabelecimentos, atingindo, em 2004, a participação de 35%. A tabela 2 mostra a evolução do emprego no período e revela que 39,7% dos empregos gerados no setor no Estado, em 2004, estavam localizados no corredor da moda. Houve aumento do número absoluto de empregos no corredor da moda e redução em termos relativos.

TABELA 1 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS DO SETOR DO VESTUÁRIO NO PARANÁ - 1995/2004

MUNICÍPIOS	1995		1997		1999		2001		2003		2004	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Apucarana	188	4,5	263	5,8	342	6,6	440	7,1	452	6,4	523	6,9
Cianorte	343	8,1	350	7,8	497	9,6	596	9,6	673	9,6	714	9,4
Londrina	372	8,8	360	8,0	376	7,3	429	6,9	465	6,6	479	6,3
Maringá	424	10,1	445	9,9	558	10,8	767	12,3	862	12,3	944	12,4
<b>Corredor</b>	<b>1.327</b>	<b>31,5</b>	<b>1.418</b>	<b>31,5</b>	<b>1.773</b>	<b>34,3</b>	<b>2.232</b>	<b>35,9</b>	<b>2.452</b>	<b>34,9</b>	<b>2.660</b>	<b>35,0</b>
Outros	2.882	68,5	3.090	68,5	3.400	65,7	4.008	64,2	4.568	65,1	4.930	65,0
<b>TOTAL PR</b>	<b>4.209</b>	<b>100</b>	<b>4.508</b>	<b>100</b>	<b>5.173</b>	<b>100</b>	<b>6.240</b>	<b>100</b>	<b>7.020</b>	<b>100</b>	<b>7.90</b>	<b>100</b>

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Dados trabalhados pelos autores.

TABELA 2 - NÚMERO DE EMPREGOS DO SETOR DO VESTUÁRIO NO PARANÁ - 1995/2004

MUNICÍPIOS	1995		1997		1999		2001		2003		2004	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Apucarana	3.431	9,6	4.611	11,3	4.707	9,9	5.760	9,5	7.099	9,6	8.759	10,5
Cianorte	2.621	7,3	3.716	9,1	4.110	8,7	4.716	7,8	5.697	7,7	6.294	7,6
Londrina	8.510	23,8	6.696	16,4	6.563	13,8	6.562	10,8	7.551	10,2	7.690	9,2
Maringá	4.415	12,3	5.318	13,1	6.840	14,4	8.885	14,7	10.013	13,5	10.310	12,4
<b>Corredor</b>	<b>18.977</b>	<b>53,0</b>	<b>20.341</b>	<b>49,9</b>	<b>22.220</b>	<b>46,8</b>	<b>25.923</b>	<b>42,8</b>	<b>30.360</b>	<b>41,0</b>	<b>33.053</b>	<b>39,7</b>
<b>Outros</b>	<b>16.847</b>	<b>47,0</b>	<b>20.369</b>	<b>50,0</b>	<b>25.248</b>	<b>53,2</b>	<b>34.715</b>	<b>59,1</b>	<b>43.944</b>	<b>59,1</b>	<b>50.273</b>	<b>60,3</b>
<b>TOTAL PR</b>	<b>35.824</b>	<b>100</b>	<b>40.710</b>	<b>100</b>	<b>47.468</b>	<b>100</b>	<b>60.638</b>	<b>100</b>	<b>74.304</b>	<b>100</b>	<b>83.326</b>	<b>100</b>

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Dados trabalhados pelos autores.

### 3.1 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CIANORTE

Cianorte possui uma população estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2005, de aproximadamente 62.134 habitantes, com uma extensão territorial de 812 km<sup>2</sup> e um PIB a preços de mercado de R\$ 344,4 milhões em 2002. Em 1995 havia no município 148 estabelecimentos do segmento têxtil - vestuário, passando, em 2004, para 459 estabelecimentos pertencentes a esse segmento – 414 micros, 38 pequenas e 7 médias empresas –, gerando 3.920 empregos. Analisando o período 1995-2004, houve um crescimento no setor de 210,14%, mostrando a dinâmica setorial na região, além do predomínio de micro e pequenas empresas, que facilitam a difusão do conhecimento tácito entre os agentes (BRASIL, 2004).

O APL têxtil-vestuário de Cianorte começa a se expandir a partir de 1977, seguindo a tendência de desverticalização das atividades produtivas. Um número crescente de novas empresas surge a partir de 1989 e a maioria das empresas terceiriza para facções formais e informais, além das trabalhadoras domiciliares (denominadas “facções de bico”), comprovando-se, assim, a existência da integração no ramo de confecções de Cianorte (MAIA, 1995).

Cianorte apresenta moderada identidade sociocultural. Há reciprocidade e confiança, fator que facilita as relações entre os agentes e difunde o conhecimento tácito entre eles, contribuindo para o fortalecimento do aglomerado industrial. As ligações “para frente” são bem nítidas, considerando o volume de produção e da comercialização do produto final e a quantidade de empresas e postos de venda (*shoppings* e Rua da Moda). Até 2003, as ligações “para trás” eram muito fracas, revelando a inexistência de um parque industrial de fiação e tecelagem (MAIA, 1995; OLIVEIRA: MAIA, 2004; CAMPOS, 2004).

A indústria de confecções de Cianorte é constituída por micro, pequenas e médias empresas, intensivas em mão-de-obra. Campos (2004) verifica a existência de focos de governança hierárquica, via subcontratação entre pequenas e médias empresas (hierarquia ou quase-hierarquia) nas atividades de facção e acabamento e via redes distribuidoras (*buyer-driven*), onde o poder exercido pelos compradores na cadeia produtiva. Mas como a maioria das empresas de Cianorte desempenha as atividades de confecção, verifica-se governança exercida em rede, segundo IPARDES (2005b; 2005c) e Baptista (2005).

A evolução do quociente locacional de emprego revela uma maior concentração de empregos nos segmentos tinturaria e vestuário (tabela 1 do Anexo). No segmento final da cadeia têxtil-vestuário, em função dos investimentos realizados pelas empresas, destacam-se confecções de roupas íntimas, que elevam sua participação no Estado, confecções de peças de vestuário e o incremento do emprego associado à confecção de acessórios de vestuário. A aglomeração de empresas estimulou a realização de investimentos em oito fábricas adicionais de linhas e fios para costura e bordado (CNAE-17248) entre 2000 e 2004 (com destaque para uma indústria de barbantes); 7 empresas de acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis (sendo 5 lavanderias com serviços de estampa e texturização). A maior disponibilidade de fornecedores reforça o adensamento da rede e pode traduzir-se em maior vantagem de aglomeração, atraindo novas firmas e fornecedores. Estudos de natureza qualitativa podem comprovar tal hipótese.

A análise da evolução do quociente locacional de número de estabelecimentos no período 1995/2004 permite verificar que a elevada especialização se mantém ao longo do tempo (tabela 2 do Anexo). Os Qs calculados para emprego e estabelecimentos para a confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes (CNAE-18112), confecções de peças de vestuário (CNAE-18120) e fabricação de acessórios (CNAE-18210) revelam a especialização na aglomeração e estimulam a entrada de fornecedores atraídos pelas economias de aglomeração. Em 2004, as 459 empresas do setor têxtil-vestuário de Cianorte geraram 3.920 empregos (BRASIL, 2004).

O parque industrial de vestuário de Cianorte adota inovações nas fases iniciais do processo produtivo – fases de concepção, desenho e preparação para executar o corte no tecido. Segundo Campos (2004), são tecnologias baseadas na microeletrônica do sistema CAD/CAM (*Computer Aided Design* e *Computer Aided Manufacturing*) e permitem criar o modelo padrão, simular o encaixe das peças no tecido e determinar a melhor posição para minimizar o consumo do material. Até 2001, conforme Campos (2004), a matéria-prima, especialmente o tecido, originava-se em outros estados do Brasil, principalmente em São Paulo, prejudicando a intensificação das relações verticais entre cliente/fornecedor e fragilizando a dimensão regional do arranjo; mas a partir de 2003 a cadeia começa a se adensar. A proximidade com os fornecedores está facilitando a presença de mecanismos de aprendizagem interativa, reforçando os fluxos de conhecimento e aumentando a disseminação de inovações. Os dados da RAIS (BRASIL, 2004) a partir do biênio 2003/2004 sinalizam a proliferação de investimentos na cadeia têxtil, fortalecendo o APL de Cianorte.

Os produtos de Cianorte concorrem com produtores locais e regionais. Entre as microempresas e fábricas da cidade, a cooperação se restringe aos empréstimos temporários de máquinas e matérias-primas. A cooperação ocorre na fase da comercialização. O ambiente sociocultural do arranjo, formado por imigrantes e migrantes com laços culturais e familiares relativamente fortes, fornece um ambiente propício para que novas formas de cooperação sejam forjadas. Segundo Baptista (2005), a falta de sintonia entre os agentes externos (instituições públicas e parapúblicas) intervenientes e a incapacidade destes em identificar a multiplicidade de interesses divergentes no arranjo provocaram uma resistência por parte dos empresários locais à formalização do APL.

As organizações que atuam como agentes indutores da promoção do desenvolvimento do arranjo são a Asamoda e o Sindicato das Indústrias do Vestuário (Sinvest). A Asamoda (Associação de *Shoppings* Atacadistas de Moda) se envolve com a atividade de vendas nas lojas dos *shoppings* e apresenta dinamismo; possui 280 guias e 42 mil clientes cadastrados; organiza a Expovest, que, a partir de 2003, tem sido realizada duas vezes ao ano e gira em torno de 5 mil compradores; e também possui uma marca coletiva, a Évolus (com o envolvimento direto de 80 empresários). O Sinvest fornece informações aos empresários do setor de vestuários quanto às alterações na legislação e trabalha em sinergia com a Asamoda.

Várias iniciativas de cooperação já foram realizadas: a cooperativa de vendas (Asamoda) e seus desdobramentos em outras atividades; “janelas de entendimento” com instituições de financiamento públicas como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), além de projetos de instituições de apoio como a Federação das Indústrias do Paraná (FIEP), Governo do Estado do Paraná, entre outras.

Cursos de qualificação da mão-de-obra e de gestão são fornecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Há interação entre as instituições de ensino superior e o arranjo de Cianorte, bem como duas faculdades com cursos voltados para o setor de confecções: a UEM (Universidade Estadual de Maringá) e a UNIPAR (Universidade Paranaense), que incrementam a difusão de conhecimento especializado entre os agentes (CAMPOS, 2004).

A estratégia da competição está fortemente centrada nos preços, e parcela das vendas ocorre mediante compras via excursões. Dada a elevada concorrência, as firmas são obrigadas a se destacar via qualidade (moda é diferenciação) e eficiência (preço menor, com melhor tecnologia). Em Cianorte, há concentração geográfica e setorial das firmas, predominância de pequenas e médias empresas, e presença de instituições de auto-auxílio e o crescente adensamento a jusante da cadeia têxtil-vestuário.

Para Oliveira e Maia (2004), o APL de Cianorte apresenta estágio bastante avançado de organização. Na tipologia de Mytelka e Farinelli (2000), seria classificado como organizado; segundo Suzigan et al. (2003) e IPARDES (2005a), como vetor de desenvolvimento regional; e, de acordo com IPARDES (2003), como de alta especialização (A).

### 3.2 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE APUCARANA

A cidade de Apucarana torna-se referencial nacional ao consolidar o pólo de bonés, estimulando o crescimento do mercado de brindes em geral. Apucarana possui uma população estimada pelo IBGE, em 2005, de aproximadamente 115 mil habitantes, com uma extensão territorial de 558 km<sup>2</sup> e um PIB a preços de mercado de R\$ 691 milhões em 2002. Ela concentra mais de 80% da produção de bonés produzidos no País e é conhecida como “capital nacional do boné”. Em 2002, o arranjo produziu 6 milhões de peças por mês. Embora a maior parte da produção seja destinada ao mercado interno, algumas empresas já estão exportando (TEIXEIRA; KRETZER, 2004). O APL de Bonés de Apucarana promoveu, em 15 e 16 de julho de 2005, a 1.ª edição da Expoboné,

feira especializada no setor. A Associação Nacional das Indústrias de Bonés, Brindes e Similares (ANIBB) foi criada na ocasião da Expoboné (SETOR de boné..., 2005). À ANIBB somam-se as entidades organizativas do setor: a Associação Brasileira de Fabricantes de Qualidade (ABRAFAB'Q) e a Associação das Indústrias de Bonés e Brindes de Apucarana (ASSIBBRA).

Conforme a RAIS (BRASIL, 2004), havia, em 2004, 6.311 empregados no setor têxtil-vestuário de Apucarana trabalhando em 328 empresas, mas 1.920 atuavam no setor de acessórios do vestuário (30,4% da cadeia). Em relação a 1995, houve um crescimento de 161,87% no número de empregados na cadeia; no setor de acessórios do vestuário houve um acréscimo de 110,53%, mostrando que o setor está em ritmo de crescimento acentuado. Das 328 empresas, 254 eram micro, 64 pequenas, 9 médias e 1 grande, constituindo, pelo setor produtivo e pelas características de formação de APL, uma concentração de micro e pequenas empresas.

A partir dos dados da RAIS foi possível calcular os quocientes locacionais para emprego por setor de atividade, conforme dados da tabela 3 do Anexo. Verifica-se uma especialização muito alta ( $QL > 1$ ) no setor de fabricação de acessórios do vestuário e acessórios de segurança industrial e pessoal. Da mesma forma, alguns elos da cadeia têm presença acentuada na cidade, a exemplo das empresas do setor de fiação de algodão e de tecelagem de fios e fibras têxteis.

Em 1995, havia 112 estabelecimentos na cadeia e, em 2004, 328 empresas formais (BRASIL, 2004). Houve crescimento substantivo no setor de acessórios do vestuário: o número de empresas, em 1995, era de 35 estabelecimentos, e, em 2004, 123 atuavam no setor de acessórios do vestuário, ou seja, 37% da cadeia. Há elevação da especialização setorial no período recente no segmento destacado, revelando a retomada dos investimentos locais após 2000, contribuindo para a geração de um substantivo número de empregos, motivo pelo qual os QLs de emprego e de estabelecimento se mantêm elevados.

Destaca-se a presença de três tecelagens no Estado do Paraná: a empresa Têxtil Apucarana (sarja), em Apucarana; a Textilpar (brim), em Paranavaí; e a Charlex (elastano), em Curitiba. Estas empresas contribuem para a redução dos custos e adensamento dos elos da cadeia com fornecedores do setor têxtil-vestuário do Paraná.<sup>3</sup>

Há grande diferenciação e forte presença de instituições no APL. Os mecanismos de governança em rede têm se desenvolvido rapidamente a partir do reconhecimento do APL do Boné. A cidade possui ainda alguns cursos orientados ao setor, através da Prefeitura, Sindicatos – SIVALE e Sindicato dos Trabalhadores de Apucarana e SEBRAE. Teixeira e Kretzer (2004) afirmam que a implantação e a estruturação do Centro Moda contribuem para criar uma infra-estrutura e para estimular a capacidade inovativa do APL; este fato é reforçado pela aprovação de um projeto FINEP de R\$ 250 mil para o desenvolvimento da aba do boné sem memória, o que permitirá aos bonés de Apucarana concorrer no mercado internacional com os fornecedores asiáticos (BRASIL, 2006; APL consegue..., 2005).

---

<sup>3</sup>Ver tabela 4 do Anexo, que apresenta os QLs referentes aos estabelecimentos no período 1995-2004.

A existência de fornecedores locais de quase todos os insumos e de dezenas de facções adensa a cadeia de bonés com forte complementaridade, propiciando o aprendizado interativo entre os trabalhadores e empresários do arranjo. Segundo Teixeira e Kretzer (2004), no *cluster* de Apucarana estão presentes os mecanismos de aprendizado *learning by doing* e *learning by interacting*.

A região beneficia-se da presença de outras empresas importantes na cadeia têxtil-confecções situadas na cidade, tais como: uma empresa de tecelagem de algodão (sarja), uma indústria de tecelagem de malha, uma lavanderia (texturização), duas empresas de fiação de algodão, além de confecções de componentes têxteis, como carneiras e vieses para bonés e etiquetas. Além das empresas da cadeia, a estrutura produtiva da confecção de bonés situada em Apucarana conta com empresas fornecedoras de abas e botões (plástico), pingentes e fivelas (metal), máquinas de pregar botões, de dublagem de tecidos e passadeiras de bonés (mecânica), além de lojas e representantes de tecidos e aviamentos, caracterizando auto-suficiência e importante complementaridade local.

Na tipologia de Mytelka e Farinelli (2000), o *cluster* de Apucarana seria classificado como organizado; segundo Suzigan et al. (2003) e IPARDES (2005a) como núcleo de desenvolvimento setorial regional (NDR); e por IPARDES (2003) como de alta especialização (A).

### 3.3 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE MARINGÁ

Maringá possui uma população estimada pelo IBGE, em 2005, de aproximadamente 319 mil habitantes, com uma extensão territorial de 488 km<sup>2</sup> e um PIB a preços de mercado de 2,7 milhões de reais em 2002. Segundo IPARDES (2005c), o setor de confecções gerava um faturamento de R\$ 224 milhões, representando 6% do faturamento da atividade industrial de Maringá.

Em 1995, a cidade possuía 288 estabelecimentos e, em 2004, 572 estabelecimentos, indicando um crescimento de 98,61% no período. Das 572 empresas, 484 eram micro (um crescimento de 94,37% em relação a 1995), 75 pequenas (um crescimento de 134,38% em relação a 1995), 12 médias (um crescimento de 100% em relação a 1995) e 1 grande (não houve abertura de grandes empresas no período); a concentração de micro e pequenas empresas e características que serão discutidas a seguir permitem, como um primeiro critério, a identificação do aglomerado como APL. Havia 7.550 empregados no setor têxtil-vestuário em 2004, verificando-se um crescimento de 81,62% em relação a 1995 (4.157 empregados). Segundo o IPARDES (2005a), Maringá e Cianorte são os dois grandes pólos do Paraná. A maioria das empresas tem menos de 20 anos e o capital é de origem regional. Apesar da organização institucional regional, há pouca cooperação e interação entre as firmas. Logo, os elos horizontais apresentam-se muito frágeis. Mas há elos verticais e multilaterais, sinalizados pela ação das instituições Sindinvest e Vestpar. Segundo IPARDES,

já se observam algumas iniciativas locais, visando à organização de um consórcio de exportação envolvendo cerca de 60 empresas da região (**Programa Setorial Integrado - PSI**) ao fortalecimento da produção regional por meio de desenvolvimento de ações integradas (**Projeto Corredor da Moda**, capitaneado pelo Conselho de Desenvolvimento de Maringá - CODEM, que prevê reunir empresas localizadas no eixo Londrina-Maringá) e a instalação de um **Condomínio Industrial**, com empresas do ramo, além da sede do Sindinvest (IPARDES, 2005c, p.19)

O IPARDES (2005c) também identificou elevada heterogeneidade tecnológica e diversidade de produtos, frente aos APLs de Cianorte e Apucarana. A gama de produtos ofertados inclui: *jeans*, moda gestante, moda ginástica, moda social e *lingerie*. As empresas são verticalizadas e não contratam terceiros para realizar etapas de sua produção. Há poucas empresas que adotam tecnologias avançadas, ao redor de 10, mas elas são responsáveis por 20% da produção de vestuário do município. A produção é voltada para o mercado nacional (São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul), mas 5% da produção é exportada. A aquisição de matérias-primas é concentrada em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, embora alguns itens sejam adquiridos no Paraná.

As características do APL de Maringá permitem classificá-lo, a partir da tipologia de Mytelka e Farinelli (2000), como organizado; segundo Suzigan et al. (2003) e IPARDES (2005a), como vetor avançado (VA)<sup>4</sup>; e por IPARDES (2003) como sendo de baixa especialização (B).

### 3.4 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE LONDRINA

Núcleo urbano planejado em 1929, Londrina cresceu com a economia regional cafeeira, que a distinguiu por muitos anos de outras cidades brasileiras. De acordo com o IBGE, Londrina possui população estimada, em 2005, de 488.287 habitantes, com uma extensão territorial de 1.651 km<sup>2</sup> e um PIB a preços de mercado de 3,5 milhões de reais em 2002. Conforme os dados da RAIS, havia, em 2004, 270 estabelecimentos, sendo que 218 eram micro, 36 pequenos, 15 médios e 1 grande, caracterizado pelo setor produtivo e as características de formação de APL com concentração de micro e pequenas empresas. Segundo a RAIS, a cidade possuía também 6.374 empregados no setor têxtil-vestuário. A região de Londrina produzia em 2002 mais de 60 milhões de peças por ano, com vendas mensais em torno de R\$ 120 milhões (CALDERON, 2002).

A cidade conta com a presença de órgãos de apoio às empresas e ao trabalhador (como o SEBRAE, SENAI e Associação Comercial e Industrial), abriga a sede do Sindicato Intermunicipal das Indústrias do Vestuário (SIVEPAR) e a Universidade Estadual de Londrina, que produz recursos humanos especializados para o setor em análise, por meio do curso de moda e estilo.

Segundo Arbex (2005), micro e pequenas empresas predominam no APL de Vestuário de Londrina, embora se verifique a presença de médias e grandes empresas atuando na cidade. Há presença de subcontratação e verifica-se que parcela substantiva da cadeia têxtil está presente em Londrina. A gama de produtos, comercializados em sua maioria no próprio Estado, revela um setor bastante diversificado e heterogêneo em termos de capacidade produtiva, tecnologia, *mix* de produto comercializado e mercados de atuação; as exportações ainda são pequenas. A subcontratação ocorre na fase de acabamento e bordados. A maioria das empresas é varejista e o produto é comercializado por meio de representantes e venda direta no atacado. Uma parcela substantiva das micro e pequenas empresas adquire máquinas e equipamentos apenas de fornecedores

---

<sup>4</sup>Ver a tabela 5 do Anexo, que apresenta a evolução dos QLS de emprego, e a tabela 6, que mostra a evolução dos QLS de estabelecimentos no município de Maringá, segundo a classe de atividades no período 1995-2004.



locais ou compra de fornecedores locais e de outros estados, e as empresas de maior porte adquirem máquinas em outros estados. O mesmo padrão se verifica no fornecimento de insumos (tecidos, aviamentos, adereços).

A maioria das empresas realizou melhorias incrementais – implementação de inovações no desenho/estilo do produto – e introduziu um novo produto nos últimos cinco anos, mas não introduziu novos equipamentos ou matérias-primas nesse período. As inovações organizacionais são raras – 75% das empresas não implementaram qualquer inovação organizacional ou de processos nos últimos cinco anos (como células de produção, *Just-in-time*, CAD/CAM, 5Ss, TQM, círculos de qualidade, planejamento estratégico, sistema ABC de custeio, círculos de qualidade, Kaisen, Kanban). Cinco empresas implementaram entre uma ou quatro inovações organizacionais, e outras cinco (12,5%) realizaram cinco ou mais inovações organizacionais nos últimos cinco anos, caracterizando-se como empresas inovativas, ou células de desenvolvimento local, utilizando bibliotecas e publicações especializadas como fonte de aquisição de conhecimentos.

Novas empresas investiram no beneficiamento do algodão em Londrina. Em 1995 havia 1 empresa, em 2004 existiam 2 estabelecimentos de beneficiamento do algodão (as empresas Texsul e a Cooperativa Integrada). Na fiação de rami há duas empresas: a Toyo Sem-I do Brasil e a Itimura Têxtil. Apesar de a fiação de fios elevar sua importância na cidade, o setor de fabricação de tecidos de malhas (CNAE-17710) conta com 10 estabelecimentos em 2004, apresentando, contudo, pequena queda no número de empregados. Londrina apresenta uma especialização maior nos setores têxteis (CNAE-17) do que em confecções (CNAE-18), sendo este último representado principalmente por vestuário (CNAE-18112 e CNAE-18120).

O número de estabelecimentos da cadeia têxtil-vestuário de Londrina cresceu em ritmo inferior ao dos três outros APLs analisados, fator que não reduz sua importância no contexto do corredor da moda. Em 1995 havia 245 estabelecimentos, e em 2004 atuavam na cidade 270, mas havia empresas operando em quase todos os segmentos da cadeia.<sup>5</sup>

As características do APL de Londrina permitem classificá-lo, a partir da tipologia de Mytelka e Farinelli (2000), como informal; segundo Suzigan et al. (2003) e IPARDES (2005a), como embrião; e, de acordo com IPARDES (2003), como de baixa especialização (B).

### 3.5 O CORREDOR DA MODA

O corredor da moda do norte do Paraná engloba o eixo Londrina-Apucarana-Maringá-Cianorte. A fim de caracterizar adequadamente o corredor, o presente tópico foi dividido em três etapas: 1) discussão da evolução dos segmentos dentro dos parâmetros de qualificação e filtragem definidos em IPARDES (2005a) para dois períodos – 1995 (início da série histórica) e 2004 (final da série); 2) análise comparativa das três metodologias e tipologias elencadas neste trabalho – IPARDES (2003, 2005a) e Mytelka e Farinelli (2000); e 3) discussão dos elementos constitutivos das aglomerações especializadas que compõem o corredor da moda, orientando-se pelas informações dos estudos de caso, tratados no artigo.

<sup>5</sup>Ver tabelas 7 e 8 do Anexo, referentes à evolução dos QLS de empregos e estabelecimentos, respectivamente.

O corredor da moda representava, em 1995, 31,5% do total de estabelecimentos no setor têxtil-vestuário no Estado do Paraná, que empregava 53,0% do total de empregos gerados neste setor no Estado. Em 2004, houve um crescimento da participação no Estado no total de estabelecimentos, passando para 35%, fator que mostra que o setor está estabelecido. Porém, a capacidade de geração de empregos é menor e a participação diminuiu para 39,7%, demonstrando que outras cidades do Estado ampliaram a oferta setorial de empregos no período (ver tabelas 1 e 2).

A análise dos dados também permitiu identificar as cidades do corredor da moda mais dinâmicas no período analisado: Apucarana, Cianorte e Maringá, dado o crescimento acelerado observado entre 1995 e 2004. A metodologia proposta por Suzigan et al. (2003, 2004) destacou o maior grau de especialização dessas cidades em relação à cadeia têxtil-vestuário. **Londrina** e sua economia crescentemente diversificada perderam importância no setor em termos de estabelecimentos e emprego; os QLS de estabelecimentos apresentam valores próximos a 1, logo classificar-se-ia como um APL embrionário (E).

A partir do número de empregados e estabelecimentos foram calculados os QLS para as cidades do corredor da moda, mas alterou-se a base de cálculo, substituindo o Estado do Paraná pelo Brasil (tabelas 9 e 10 do Anexo).

Em 1995, **Cianorte** possuía participação em 5 setores da cadeia têxtil-vestuário, conforme o QL de empregados, e verificou-se a especialização ( $QL > 1$ ) para 4 setores, sendo 2 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 2 setores com QL acima de 5. Em 2004, Cianorte revelou a mudança estrutural: a existência de atividade em 12 setores e crescimento de 140% no emprego no período, além de possuir 3 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 4 setores com QL acima de 5. Com relação aos QLS de estabelecimentos, em 1995 havia participação em 7 setores da cadeia (28% dos segmentos existentes), verificando-se especialização ( $QL > 1$ ) em 6 setores: 3 setores apresentaram QL acima de 1 e abaixo de 5, e 3 setores tiveram QL acima de 5. Em 2004, verificou-se especialização em 11 setores, e em 5 segmentos os QLS eram superiores a 5. A análise dos diferentes filtros, a presença de governança em rede e a importância do setor para a cidade sinalizaram a caracterização como vetor de desenvolvimento local (VDL) e aglomeração organizada.

Em 1995, **Apucarana** possuía participação em 11 setores da cadeia têxtil-vestuário (44% dos segmentos da cadeia têxtil-vestuário) e verificou-se a conformação da mudança estrutural no setor, pois em 2004 essa participação havia se ampliado para 17 segmentos. Em relação ao número de empregados, possuía especialização ( $QL > 1$ ), em 1995, em 6 setores: 2 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 4 setores com QL acima de 5.

Entre 1995 e 2004, os elos se solidificam e há uma expansão dos setores em Apucarana. Em 2004, a cidade participava em 17 setores, apontando um crescimento de 54,54% no período. Em 6 setores verificou-se QL acima de 1 e abaixo de 5, e em 9 setores o QL era superior a 5. Em 1995, em relação ao número de empresas, Apucarana contava com a participação em 12 setores com especialização,  $QL > 1$ , para 9 setores, sendo 6 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 3 setores com QL acima de 5. Em 2004, a cidade tinha participação em 17 setores, um crescimento de 41,67% no período. Verificou-se que 7 setores apresentaram QL acima de 1 e abaixo de 5, e 9

setores apresentaram QL acima de 5, revelando a alta especialização do setor na região, consolidando a cidade como a capital do boné e caracterizando-a como um núcleo de desenvolvimento setorial regional (NDSR).

**Londrina**, diferentemente das outras cidades, não possuía, desde 1995, alta especialização captada pelos QLs. Porém, a predominância na cadeia têxtil-vestuário é antiga e elevada e se manteve estável no período. Em 1995, a cidade possuía participação em 19 setores da cadeia têxtil-vestuário (76% dos segmentos da cadeia têxtil-vestuário) e verificou-se a especialização via análise do QL de número de empregados ( $QL > 1$ ) em 5 setores, sendo 4 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 1 setor com QL acima de 5. Em 2004 houve uma elevação na especialização de alguns setores em Londrina, que passaram a ter  $QL > 1$ . Em 2004, a cidade participava em 17 setores, apontando redução de atividades na cadeia têxtil-vestuário de 10,52% no período. A cidade possuía 7 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 2 setores com QL acima de 5. Em relação ao número de empresas, Londrina tinha participação em 21 setores e especialização,  $QL > 1$ , para 9 setores, sendo 8 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 1 setor com QL acima de 5. Em 2004, a cidade participava em 17 setores, indicando uma queda de 19,05% no período, sendo que possuía 10 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 1 setor com QL acima de 5. Como a cidade está densamente desenvolvida em diversos setores, a especialização em um dos setores pode não ser captada pelos QLs, porém o APL da cidade é embrionário e acaba interligando o corredor da moda que começa em Cianorte.

**Maringá**, da mesma forma que Londrina, não possui especialização tão elevada no setor, porém esta é mais constante que em Londrina. A cidade possuía, em 1995, participação em 15 setores da cadeia têxtil-vestuário, ou seja, 60% do total, obtidos pelo QL de emprego, indicando que os setores eram importantes para a cadeia. No mesmo período possuía especialização,  $QL > 1$ , para 9 setores, sendo 7 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 2 setores com QL acima de 5. Em 2004 não houve grandes alterações, sendo que houve somente a presença de mais 4 setores em Maringá. Em 2004, a cidade contava com participação em 19 setores, isto é, com um crescimento de 26,67% no período, sendo que possuía 7 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 2 setores com QL acima de 5. Para o QL de estabelecimento, em 1995 havia a participação em 15 setores, e especialização,  $QL > 1$ , para 14 setores, sendo 11 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5, e 1 setor com QL acima de 5. Em 2004, a cidade participava em 20 setores, apontando um crescimento de 33,33% no período, sendo que possuía 5 setores com QL acima de 1 e abaixo de 5 e 1 setor com QL acima de 5. Logo, os QLs demonstram que apesar de não possuir alta especialização do setor na cidade, sua participação na economia é elevada, logo o APL se comporta como um vetor avançado (VA).

Do ponto de vista quantitativo verificou-se que a hipótese da existência do corredor (eixo que congrega atividades produtivas de um mesmo setor) foi comprovada, analisando-se, para isto, os aspectos qualitativos à luz das tipologias exploradas na discussão teórica. Na tipologia de IPARDES (2003), o segmento-região do vestuário de Apucarana e Cianorte têm alta especialização, e Londrina e Maringá têm baixa especialização. Para IPARDES (2005c), os APLs do vestuário do Paraná classificam-se, dadas as especificidades locais, em: Cianorte (VDL), Apucarana (NDSR), Maringá (VA) e Londrina (Embrião), conforme o quadro 3.

QUADRO 3 - ENQUADRAMENTOS DOS APLs DO CORREDOR DA MODA CONFORME TIPOLOGIAS

MUNICÍPIOS	TIPOLOGIA		
	IPARDES (2005c)	IPARDES (2003) Especialização	Mytelka e Farinelli (2000)
Apucarana	NDSR: núcleo de desenvolvimento setorial regional	Alta	Organizado
Cianorte	VDL: vetor de desenvolvimento local	Alta	Organizado
Maringá	VA: vetor avançado	Baixa	Organizado
Londrina	Embrião	Baixa	Informal

FONTE: Elaboração dos autores conforme metodologias

O arranjo produtivo local de Londrina pode ser considerado uma aglomeração informal na classificação de Mytelka e Farinelli (2000), com elevado potencial de desenvolvimento frente aos elos da cadeia presentes na região. Segundo esta mesma tipologia, os arranjos de Apucarana, Maringá e Cianorte seriam classificados como organizados, em razão dos aspectos já discutidos e de outros elementos constitutivos abordados no quadro 4.

No que se refere à estrutura produtiva, à linha de produtos e ao comércio exterior, a situação das quatro aglomerações é similar, com estabilidade ou expansão do parque produtivo, produzindo *jeans*, modinha e bonés. Em relação ao mercado, elas ainda não exploram parcelas importantes do mercado nacional e há pouca inserção no comércio exterior, embora haja esforços nesse sentido.

Para facilitar a análise da estrutura, a dinâmica e as características das aglomerações que compõem o corredor da moda, os elementos constitutivos dessas áreas são explorados no quadro 4.

As estratégias principais das empresas do corredor são direcionadas para fortalecer as marcas locais, aperfeiçoamento tecnológico e mercadológico, com vistas a romper com procedimentos e *modus operandi* da maioria das empresas que se firmam em um modelo, tais como: imitação de *design*, operação com marca de terceiros (*private libor*), ausência de estrutura autônoma e eficiente de comercialização e a competição via preços (em vez de diferenciação de produtos).

Pelos estudos de caso, observa-se que métodos de economia de tempo, adoção de normas ISO 9000, garantia de qualidade total e outras técnicas não são empregados pela maioria das empresas. Há uma boa infra-estrutura educacional e de formação de mão-de-obra e gerencial nos municípios do corredor, carecendo, entretanto, de um melhor nível de qualidade desses ativos. A despeito das constantes menções dos empresários sobre a falta de pessoal qualificado para preencher suas necessidades, há poucos esforços desses no sentido de contribuir para a supressão desses gargalos, o que se mostra pela atitude de resistência em liberar parte do tempo dos trabalhadores para treinamentos e pelos reduzidos recursos das empresas destinados à capacitação dos recursos humanos.

Para analisar os componentes constitutivos de APLs, além daqueles já expostos no quadro 3 destacam-se os quatro itens finais do quadro 4. Embora possua diferentes níveis de complementaridade, conhecimento tácito disseminado, atividades cooperativas, capital social e estágio de organização e governança, o conjunto dessas aglomerações apresenta fragilidades nos quesitos que caracterizam os APLs, necessitando de esforços

nas atividades cooperativas e interativas, na capacitação gerencial e qualificação laboral para melhorarem a competitividade das empresas e propiciar avanços mais significativos.

Os APLs precisam contar com uma estrutura de apoio melhorada, conjugada com a oferta de serviços ampliada e melhor articulação entre si, de maneira a direcionar esforços e recursos às necessidades dessas empresas, desobstruindo os entraves e alavancando suas potencialidades. Baptista (2005) destaca que a chegada do agente externo com a proposta de desenvolvimento e promoção do APL provoca, explícita e externaliza os conflitos, anteriormente administrados no interior da cidade. As intervenções dos chamados “agentes externos” devem zelar pela autonomia dessas aglomerações, bem como por suas especificidades.

QUADRO 4 - ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS AGLOMERAÇÕES ESPECIALIZADAS DO CORREDOR DA MODA

ELEMENTOS	LONDRINA	APUCARANA	MARINGÁ	CIANORTE
Estrutura produtiva	Consolidada	Em expansão	Estável	Em expansão
Produtos	<i>Jeans, modinha</i>	Bonés, <i>jeans</i>	<i>Jeans, modinha</i>	<i>Jeans, modinha</i>
Exportação	Pouca (ação isolada de poucas empresas)	Diminuta	Pouca (ação isolada de poucas empresas)	Pouca (ação isolada de poucas empresas)
Inovação	Produtos - incremental e imitação Gestão - boa	Produtos - incremental e imitação Gestão - média	Produtos - incremental e imitação Gestão - boa	Produtos - incremental e imitação Gestão - boa
Tecnologia - padrão	Heterogênea (alta entre as grandes e baixa entre as pequenas empresas)	Média	Heterogênea (alta entre as grandes e baixa entre as pequenas empresas)	Heterogênea (alta entre as grandes e baixa entre as pequenas)
Estratégia principal	Criação, tendências	Tecnologia materiais	Marca própria, condomínios	Comercialização
Formação de mão-de-obra	SENAI, UEL (Laboratório/Projeto Milano)	Centro Moda	SENAI, UEM	Escola Fábrica-Senai, UNIPAR, UEM
Capacitação empresarial	Tendências da Moda - SEBRAE	Intensificação - SEBRAE	Readequação às estratégias	Ênfase no mercado
Modalidades de apoio institucional	Prefeitura Municipal	Um dos 11 APLs do MDIC, Rede APL Paraná Paraná	Governo do Estado (apoio Paraná Fashion), Rede APL	Financiamento BRDE e BNDES, Rede APL
Complementaridade	Exceto a tecelagem, há presença de todos os elementos da cadeia	Presença de todos os elementos da cadeia	Exceto a tecelagem, há presença de todos os elementos da cadeia	Forte presença de elementos a jusante do vestuário
Conhecimento tácito e aprendizagem interativa	Conhecimento tácito pouco disseminado	Conhecimento tácito disseminado e aprendizagem interativa ( <i>joint ventures</i> e sistema de compras)	Conhecimento tácito pouco disseminado	Conhecimento tácito disseminado
Capital social, governança	Frágil	Organizada e atuante	Instituições representativas fortes	Resistência à formalização do APL
Cooperação e eficiência coletiva	Apenas para feiras e eventos, elos incipientes	<i>Joint venture</i> (9 empresas), compras conjuntas (15 empresas)	Esforços para parcerias (projeto condomínio), <i>Shoppings</i> atacadistas, elos médios	Marca coletiva (Évolus), Asamoda (Cooperativa Venda), <i>shoppings</i> atacadistas
Gestão APL	Inexistente	Governança forte	Instituições fortes	Resistência inicial à formalização do APL, capital social forte

FONTE: Os autores

Nesse contexto, vale ressaltar a importância da Rede APLs Paraná como fórum de articulação formalizado em 2005, reunindo as empresas das mais diversas aglomerações especializadas (através de suas representações ou Comitê Gestor) e instituições públicas e parapúblicas, que pode promover, no caso do corredor da moda, coordenação e sinergias que visem a atender esse eixo produtivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento do setor têxtil-vestuário do corredor da moda revela que os APLs analisados seriam beneficiados se houvesse um tratamento conjunto das demandas do setor, o corredor da moda do norte do Paraná. Enquanto Cianorte e Apucarana estão atraindo um número maior de estabelecimentos pequenos que operam na fase final da cadeia, Londrina e Maringá, mais diversificadas, têm atraído grandes fornecedores da área têxtil, dadas as peculiaridades de suas respectivas economias. Cianorte, Apucarana e Maringá possuem maiores níveis de especialização, correspondendo a alguns dos principais pólos do vestuário brasileiro. As aglomerações industriais de Cianorte, Apucarana e Maringá caracterizam-se como arranjos produtivos locais e aglomerações organizadas, possuindo governança e/ou instituições fortes, de acordo com a tipologia de Mytelka e Farinelli (2000). Destaca-se a presença, em Apucarana, de uma grande tecelagem que beneficia a cadeia têxtil-vestuário do corredor da moda. Dada a importância regional e o volume de emprego, os dois APLs apresentam uma classificação diferenciada frente aos filtros sugeridos por Suzigan et al. (2003, 2004) e adotados por IPARDES (2005a); Cianorte classifica-se como vetor de desenvolvimento local; e Apucarana como núcleo de desenvolvimento regional setorial.

Maringá possui instituições e a presença de elos; mas, dada a diversidade de sua economia, é classificada como vetor avançado (SUZIGAN et al., 2004; IPARDES, 2005a) e aglomerado organizado (MYTELKA; FARINELLI, 2000). As políticas locais devem ser articuladas para um melhor desenvolvimento dos APLs. Programas como o APL/BNDES já operam em Cianorte com aporte de recursos para o desenvolvimento das micro, pequenas e médias empresas. Apucarana começa a receber os recursos do programa PEIEX (Programa Extensão Industrial Exportadora) em 2006 (MDIC, 2006) e a articulação permitiria estender as vantagens para os demais APLs.

O arranjo produtivo local de Londrina pode ser considerado uma aglomeração informal na classificação de Mytelka e Farinelli (2000), com potencial para se tornar uma aglomeração organizada, particularmente se as empresas atuarem em conjunto, beneficiando-se da sinergia de que os APLs mais especializados já usufruem, pois o elevado grau de diversificação da economia local e a ausência de governança no APL têxtil-vestuário não têm contribuído para o desenvolvimento setorial, elementos que permitiram classificar o APL como embrião, a partir das contribuições de Suzigan et al. (2003, 2004) e IPARDES (2005a), dadas a baixa participação no emprego local e a baixa importância da atividade frente à diversificada economia local. O entorno regional do município é propício para o desenvolvimento industrial e conta com instituições de ensino, fornecedores de apoio técnico e com empresas de outras etapas da cadeia. Uma ressalva diz respeito

à presença de fornecedores adequados na região (tanto de insumos quanto de equipamentos, principalmente), uma vez que grande parte das empresas mantém contatos regulares com fornecedores de outras regiões. A articulação com os demais APLs da região, via constituição de um corredor, beneficiaria o desenvolvimento futuro das fases finais da cadeia têxtil-vestuário, além de fortalecer as vantagens já existentes na área têxtil. Com isso, em futuro breve Londrina também poderia se beneficiar do apoio do programa APL/BNDES, PEIEX/MDIC, de modo a tornar mais densa a rede da moda.

A cidade de Londrina possui uma economia dinâmica, mais diversificada que a de Cianorte e Apucarana. Assim como Maringá, o cálculo dos quocientes locacionais pode estar subestimando a cidade em relação à gama de setores existentes. Londrina e Maringá possuem atuação em mais elos da cadeia do que Cianorte e Apucarana. A atuação de instituições pode e deve ser fortalecida, tomando as relações entre os agentes mais vigorosas e ampliando a densidade da rede, que deverá fortalecer a cooperação entre as instituições, as organizações e os atores do corredor da moda. O reconhecimento do corredor da moda permitiria um melhor uso dos escassos recursos existentes para o desenvolvimento de micro, pequenas e médias empresas do setor têxtil-vestuário do Paraná.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; BRITO, J. (Org.). Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. (Coord.). **Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o Sebrae**. Rio de Janeiro: RedeSist, 2003.

APL consegue 250 mil para pesquisa de aba. **Boletim do APL**, Apucarana, n.4, dez. 2005.

ARBEX, M. A. **Aglomeración industrial de empresas do vestuário no município de Londrina**. Londrina, 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina.

BAPTISTA, Josil Rocio Voidela. **Relações socioeconômicas em rede: a governança no arranjo produtivo do vestuário de Cianorte no Estado do Paraná**. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado profissionalizante) - Universidade Federal do Paraná.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. [Site institucional]. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br> Acesso em: 17 jan. 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação anual de informações sociais: 1995 a 2004**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/rais>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

CALDERON, Cyntia. Desfiles ajudam a aumentar vendas de roupas no Paraná. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 10 out. 2002. Cad. Região Sul, p. 4.

CAMPOS, A. C. de. **Arranjos produtivos no Estado do Paraná: o caso do município de Cianorte**. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná.

CAMPOS, R. R.; CÁRIO, S. A. F.; NICOLAU, J. A. **Arranjos e sistemas produtivos locais e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico**. Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Economia, 2000. (Nota técnica, 20).

CAMPOS, R.; VARGAS, M. **Forms of governance, learning mechanisms and localized innovation: a comparative, analysis in local productive systems in Brazil**. Texto apresentado em The First Globelics Conference Innovation Systems and Development Strategies for the Third Millennium, 2003, Rio de Janeiro. Disponível em: [http://redesist.ie.ufrj.br/nts/foreign\\_nt.php](http://redesist.ie.ufrj.br/nts/foreign_nt.php)

- CARREIRA, S. S. **Análise dos fatores de sucesso das empresas do ramo de confecções na região Noroeste do Paraná: corredor da moda - período 1990 a 2000.** Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado) - UFSC/Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção.
- CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. Aglomerações, cadeias e sistemas produtivos e de inovações. **Revista Brasileira de Competitividade**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.38-48, abr./jul. 2001.
- CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. Arranjos e sistemas produtivos locais na indústria brasileira. In: CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M (Org.). **Parcerias estratégicas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Org.). **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Disponível em: <[http://www.comunidade.sebrae.com.br/procompi/Assuntos+sobre+APL/Downloads\\_GetFile.aspx?id=1994](http://www.comunidade.sebrae.com.br/procompi/Assuntos+sobre+APL/Downloads_GetFile.aspx?id=1994)> Acesso em: 08 ago. 2004.
- CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M.; LASTRES, H. M. M. Caracterização e taxonomias de arranjos e sistemas produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. (Org.). **Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o Sebrae**. Rio de Janeiro: Redesist, 2004.
- CROCCO, M. A. et al. **Metodologia de identificação de arranjos produtivos locais potenciais: uma nova técnica**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. (Texto para discussão, 191).
- DOSI, G. The nature of the innovative process. In: DOSI, G. et al. (Ed.). **Technical change and economic theory**. London: Pinter Publishers, 1988.
- EDQUIST, C. **Systems of innovation: technologies, institutions and organisations**. London: Pinter, 1997.
- EDQUIST, C. **The systems of innovation approach and innovation policy: an account of the state of the art**. Texto apresentado à DRUID Conference, 2001, Aalborg. Disponível em: <http://www.druid.dk/conferences/nw/paper1/edquist.pdf>
- FORAY, D.; LUNDVALL, B. **The knowledge-based economy: from the economics of knowledge to the learning economy**. S.n.t. Texto apresentado à DRUID Conference, 1996, Aalborg.
- FREEMAN, C. The national system of innovation in historical perspective. **Cambridge Journal of Economics**, London: Academic Press, v.19, n.1, p.5-24, 1995.
- FURLAN, M. Paraná é o maior produtor de *jeans* do país. **Folha de Londrina**, 2 nov. 2003. p.7.
- HUMPHREY, J.; SCHMITZ, H. Trust and inter-firm relations in developing and transition economics. **The Journal of Development Studies**, London, v.34, n.4, Apr. 1998.
- IEDI. **Clusters ou sistemas locais de produção e inovação: identificação, caracterização e medidas de apoio**. S.l., 2002. Disponível em: [http://geein.fclar.unesp.br/atividades/pesquisacluster/IEDI\\_20030516\\_clusters.pdf](http://geein.fclar.unesp.br/atividades/pesquisacluster/IEDI_20030516_clusters.pdf).
- INDÚSTRIAS de confecção já geram 95 mil empregos diretos no Paraná. **O Estado do Paraná**. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br> . Acesso em: 28 jul. 2004.
- IPARDES. **Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90**. Curitiba, 2003.
- IPARDES. **Identificação, caracterização, construção de tipologia e apoio na formulação de políticas para os arranjos produtivos locais (APLs) do Estado do Paraná: etapa 1 - Identificação,**



mapeamento e construção da tipologia das aglomerações produtivas. Curitiba, 2005a. Cooperação técnico-científica SEPL, IPARDES.

IPARDES. **Identificação, caracterização, construção de tipologia e apoio na formulação de políticas para os arranjos produtivos locais (APLs) do Estado do Paraná**: etapa 2 - Pré-seleção das aglomerações produtivas e mapeamento dos ativos institucionais e das ocupações de perfil técnico-científico. Curitiba, 2005b. Cooperação técnico-científica SEPL, IPARDES.

IPARDES. **Identificação, caracterização, construção de tipologia e apoio na formulação de políticas para os arranjos produtivos locais (APLs) do Estado do Paraná**: etapa 3 - Caracterização estrutural preliminar dos APLs pré-selecionados e nota metodológica para os estudos de caso. Curitiba, 2005c. Cooperação técnico-científica SEPL, IPARDES.

KOHLI, Ajay K.; JAWORSKI, Bernard J. Market orientation: the construct, research propositions, and managerial implications. **Journal of Marketing**, v.54, p.1-18, abr. 1990

KRUGMAN, P. **Development, geography and economic theory**. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEMOS, C. Inovação na era do conhecimento. In: LASTRES, H; ALBAGLI, S. de (Org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p.48-72.

LINS, Hoyêdo Nunes. Clusters industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.30, n.2, p.233-265, abr./jun. 2000.

LUNDEVALL, B.-A. Explaining interfirm cooperation and innovation: limits of the transaction-cost approach. In: Grahber, G. (Ed.). **The embedded firm: on the socio- economics of industrial networks**. London: Routledge, 1993.

MAIA, K. Confecções em Cianorte: um distrito industrial? **Revista de Economia**, Curitiba: UFPR, v.21, n.19, p.137-176, 1995.

MALERBA, F. Sectoral systems of innovation and production. **Research policy**, v.31, n.2, p.247-264, feb. 2002.

MARKUSEN, A. Sticky places in slippery space: a typology of industrial districts. **Economic Geography**, Worcester: Clark University, v.72, n.3, p.293-313, July 1996.

MYTELKA, L.; FARINELLI, F. Local clusters, innovation systems and sustained competitiveness. In: CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, M. H. M. (Org.). **Arranjos e sistemas produtivos locais e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico**. Rio de Janeiro: RedeSist, 2000. Disponível em: [http://redesist.ie.ufrj.br/nts/foreign\\_nt.php](http://redesist.ie.ufrj.br/nts/foreign_nt.php)

OLIVEIRA, Maria Aparecida de; MAIA, Katy. **Arranjo produtivo local do vestuário da região de Umuarama-Cianorte no Estado do Paraná**. Maringá: s.n., 2004. Trabalho apresentado no 6. Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC Sul, 2004, Maringá.

PAVITT, Keith. Sectoral patterns of technical change: towards a taxonomy and a theory. **Research Policy**, n.13, p.343-373, 1984.

PORTER, M. Clusters and the new economics of competition. **Harvard Business Review**, p.77-90, nov./dec. 1998.

PIKE, F.; SENGENBERGER, W. **Industrial districts and local economic regeneration**. Geneva: International Institute for Labour Studies, 1992.

SANTOS, F.; CROCCO, M.; LEMOS, M. B. **Arranjos e sistemas produtivos locais em "espaços industriais" periféricos**: estudo comparativo de dois casos brasileiros. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2002. (Texto para discussão).

- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- SETOR de bonés e brindes cria associação. **Folha de Londrina**, 16 jul. 2005. p.3.
- SILVA, Viviane Mazzeto Romano da. **Uma análise comparativa dos pólos moveleiros do sul do Brasil**. Londrina, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Economia da Universidade Estadual de Londrina.
- SUZIGAN, W. et al. Aglomerações industriais no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 28, 2000, Campinas. **Anais**. Campinas: ANPEC, 2000.
- SUZIGAN, W. et. al. *Clusters* ou sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de política econômica. **Revista de Economia Política**, São Paulo: Centro de Economia Política, v.24, n.4(96), p.543-561, out./dez. 2004.
- SUZIGAN, W. et al. Sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 31., 2003, Porto Seguro. **Anais**. Porto Seguro: ANPEC, 2003.
- TEIXEIRA, S. Q. M. B.; KRETZER, J. Estudo de caso do arranjo produtivo de confecção de bonés em Apucarana/PR: uma análise da forma de governança e do mecanismo de aprendizado. In: SEMINÁRIO ITINERANTE SOBRE A ECONOMIA PARANAENSE, 2., 2004, Toledo. **Textos completos**. Curitiba: IPARDES, 2004.
- VARGAS, M. A. **Local systems of innovation in developing countries: a study of technological learning in local productive arrangements in Brazil**. Paper prepared for DRUID's Winter Conference on Industrial Dynamics, 2000. Disponível em: [http://www.druid.dk/uploads/tx\\_picturedb/dw2000-374.pdf](http://www.druid.dk/uploads/tx_picturedb/dw2000-374.pdf)

## ANEXO - TABELAS DOS QUOCIENTES LOCACIONAIS

TABELA 1 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE EMPREGO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM CIANORTE - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL										
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	
17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,914	0,299	0,000	0,000	0,000	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17213	Fiação de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	2,830	0,224	1,040	0,178	0,156	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	24,729	10,601	14,686	24,405	121,732	42,374	59,999	62,663	36,660	
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	6,556
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos e artificiais	0,000	0,262	0,306	0,568	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,397	0,689	0,296	
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,079	
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	6,276	6,295	5,987	5,702	0,359	0,000	0,000	3,807	11,437	11,813	
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,935	0,569	0,166	0,337	0,668	
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	21,618	14,972	11,326	0,000	0,000	
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,948	
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,000	0,000	0,000	0,977	1,963	1,983	4,594	4,653	4,890	3,478	
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,000	0,849	0,409	0,864	3,341	2,512	1,851	1,820	3,718	4,814	
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
18112	Confeção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	1,339	0,187	0,383	2,705	3,273	3,399	2,873	1,966	8,085	6,863	
18120	Confeção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	17,798	15,909	19,578	16,148	15,972	15,702	13,626	12,800	12,339	11,518	
18139	Confeção de roupas profissionais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	1,881	9,780	0,212	0,586	0,572	0,926	1,990	2,136	2,725	3,260	
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
	TOTAL	9,061	8,691	10,873	9,614	9,472	9,360	8,420	8,183	8,498	8,099	

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 2 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE ESTABELECIMENTO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM CIANORTE - 1995-2004

Código	SETOR Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL											
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004		
17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	2,657	2,443	0,000	0,000	0,000	0,000	
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17213	Fiação de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	4,539	7,524	4,091	3,962	4,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	40,127	28,640	38,299	28,007	53,139	14,660	20,313	24,699	19,595	19,595	
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	16,329	
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	24,076	12,729	20,891	0,000	8,856	7,330	0,000	0,000	0,000	0,000	
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	4,539	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	2,821	2,352	2,130	1,959	
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,959	
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	7,660	5,234	3,471	3,962	4,149	2,415	0,000	9,909	10,778	9,659	9,659	
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	2,989	0,000	0,000	0,000	0,000	1,222	1,092	1,047	0,959	0,916	0,916	
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	13,285	10,262	9,233	8,981	0,000	0,000	
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	10,886	
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,000	0,000	0,000	1,574	3,395	1,898	1,739	1,721	1,764	1,689	1,689	
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,000	1,881	1,818	1,947	4,422	1,635	1,603	3,174	3,136	3,438	3,438	
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	0,776	0,836	0,647	3,105	6,332	6,956	4,635	5,200	5,186	4,938	4,938	
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	10,552	10,237	12,388	12,271	13,932	14,689	14,660	14,544	14,673	15,062	15,062	
18139	Confecção de roupas profissionais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	8,380	11,465	0,764	1,947	2,241	1,779	1,504	1,411	1,663	1,177	1,177	
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
	TOTAL	7,091	7,186	7,969	8,296	9,611	10,185	10,038	10,206	10,278	10,355	10,355	

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 3 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE EMPREGO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM APUCARANA - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL												
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004			
17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17213	Fiação de algodão	12,674	11,541	2,466	1,824	1,742	3,719	4,400	3,875	6,592	6,552	6,552	6,552	6,552
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	3,892	3,139	5,309	3,120	3,879	3,120	3,879	3,879
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	79,653	67,863	64,884	80,786	76,110	74,265	36,314	21,133	36,314	21,133	21,133
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	0,340	0,482	0,320	0,118	0,000	0,250	0,555	0,632	0,250	0,555	0,632
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	0,000	0,000	0,000	0,266	0,489	4,839	5,187	5,894	3,791	6,664	5,894	3,791	6,664
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,200	0,280	1,112	1,187	0,635	2,872	2,966	4,716	9,983	8,980	4,716	9,983	8,980
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	16,086	19,833	12,646	20,694	12,886	8,875	13,509	11,774	7,839	7,846	11,774	7,839	7,846
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,860	29,249	18,070	17,702	13,174	4,479	8,502	9,080	9,784	6,644	9,080	9,784	6,644
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,296	0,438	0,000	0,000	0,000	0,629	1,032	1,004	0,656	6,800	1,004	0,656	6,800
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	15,435	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	13,305	13,248	8,475	7,000	1,947	2,715	5,001	7,277	9,393	11,134	7,277	9,393	11,134
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,000	0,000	0,000	1,710	1,757	1,529	1,817	2,543	5,490	4,984	2,543	5,490	4,984
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,140	2,644	1,215	2,598	1,857	2,148	1,988	2,019	1,476	2,018	2,019	1,476	2,018
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	2,192	2,795	2,059	2,020	0,864	0,638	0,690	0,194	0,423	1,012	0,194	0,423	1,012
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	4,322	6,126	5,488	5,355	5,090	5,381	4,975	5,147	4,256	4,309	5,147	4,256	4,309
18139	Confecção de roupas profissionais	8,015	11,763	10,333	3,730	3,004	3,907	7,552	10,023	15,111	10,060	10,023	15,111	10,060
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	66,618	54,712	55,125	41,172	41,894	38,233	33,318	34,643	35,721	37,785	34,643	35,721	37,785
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	46,860	39,179	0,879	42,355	54,933	57,019	48,714	49,249	51,642	48,714	49,249	51,642
	TOTAL	6,910	8,653	7,892	7,077	7,269	7,523	7,289	7,738	7,434	7,714	7,738	7,434	7,714

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 4 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE ESTABELECIMENTO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM APUCARANA - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL												
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004			
17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17213	Fiação de algodão	7,209	9,544	4,781	0,000	4,717	5,469	9,050	16,115	12,259	10,664			
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	10,939	10,989	19,137	25,880	13,034			
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	10,159	10,025	30,068	25,524	25,641	21,871	19,410	15,641			
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	9,030	7,291	8,018	6,381	5,495	5,103	7,058	7,820			
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	0,000	0,000	2,709	2,430	6,501	2,393	4,662	6,379	5,546	5,100			
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	2,266	2,566	3,010	2,587	4,717	7,507	4,196	5,340	7,922	7,820			
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	4,956	6,916	7,388	11,062	8,909	6,961	9,615	7,468	1,412	3,304			
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	5,802	9,468	11,951	11,295	9,252	5,281	7,365	7,891	8,291	8,040			
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	2,033	1,850	1,847	0,000	0,000	1,665	1,832	1,740	1,806	3,555			
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000			
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	26,727	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000			
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	9,440	8,716	8,444	6,592	4,859	5,469	9,127	12,974	13,864	14,832			
17710	Fabricação de tecidos de malha	1,184	0,000	0,000	1,359	1,055	2,356	3,606	3,588	3,697	4,116			
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000			
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,634	1,371	1,290	1,348	0,710	1,516	1,425	1,431	1,451	1,580			
18112	Confeção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	1,004	1,657	1,377	1,084	0,697	1,392	0,993	0,692	0,815	1,261			
18120	Confeção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	2,630	3,670	3,885	4,239	4,391	4,605	4,290	4,539	4,226	4,037			
18139	Confeção de roupas profissionais	2,734	5,302	4,618	2,587	3,564	2,671	4,006	4,687	5,546	5,537			
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	23,722	19,568	23,297	25,826	30,068	28,514	28,741	30,300	29,278	28,886			
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	8,522	10,486	3,645	3,084	4,786	4,049	6,124	7,279	7,568			
	TOTAL	3,472	4,302	4,821	5,114	5,595	5,847	5,864	6,281	5,943	5,906			

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 5 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE EMPREGO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM MARINGÁ - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL												
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004			
17116	Beneficiamento de algodão	0,715	0,585	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	1,965	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,287	1,388
17213	Fiação de algodão	5,350	4,990	6,237	5,047	5,086	5,803	5,499	5,192	4,881	5,024	5,024	5,192	4,881
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	4,486	2,536	3,447	2,740	2,755	2,556	3,008	3,223	3,517	2,862	2,862	3,223	3,517
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17310	Tecelagem de algodão	2,226	0,679	0,208	0,238	0,469	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,239
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	0,000	0,164	0,080	0,000	0,033	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	8,904	7,687	4,382	3,928	3,119	1,901	1,424	1,246	1,111	0,807	0,807	1,246	1,111
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,044	0,046	0,038	0,084	0,084	0,046	0,038
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	9,675	4,328	0,544	1,302	1,040	0,748	0,525	0,503	0,665	1,584	1,584	0,503	0,665
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,345	0,579	0,455	0,531	0,925	1,639	1,565	1,213	1,423	0,930	0,930	1,213	1,423
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	1,030	0,668	0,907	2,294	2,232	1,529	1,689	2,014	2,553	3,407	3,407	2,014	2,553
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	1,076	1,942	7,399	7,076	4,609	6,294	2,412	2,247	2,247	6,294	2,412
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,160	0,295	0,295	0,000	0,160
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	1,949	2,988	2,451	1,127	0,243	0,417	0,861	0,916	1,609	1,392	1,392	0,916	1,609
17710	Fabricação de tecidos de malha	5,188	6,668	3,400	0,685	2,549	4,973	3,889	3,601	5,185	5,870	5,870	3,601	5,185
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,225	0,092	3,697	4,168	2,167	0,183	0,211	0,297	0,228	0,029	0,029	0,297	0,228
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	3,414	2,797	2,805	2,372	5,622	4,672	3,204	3,140	3,827	2,686	2,686	3,140	3,827
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	3,398	3,066	2,947	3,348	3,027	2,773	2,981	2,617	2,657	2,567	2,567	2,617	2,657
18139	Confecção de roupas profissionais	4,821	4,508	4,408	5,379	4,968	5,799	5,279	4,169	4,348	3,594	3,594	4,169	4,348
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	0,625	1,361	0,621	1,193	0,689	0,711	0,988	1,076	1,562	0,609	0,609	1,076	1,562
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,141	0,448	0,184	0,245	0,562	0,514	0,476	0,231	0,231	0,514	0,476
	TOTAL	3,186	2,809	2,788	2,918	2,845	2,679	2,711	2,473	2,588	2,359	2,359	2,473	2,588

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 6 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE ESTABELECIMENTO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM MARINGÁ - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL											
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004		
17116	Beneficiamento de algodão	0,572	0,307	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	1,656	0,000	0,000	1,678	1,549	3,062	2,279		
17213	Fiação de algodão	2,769	2,435	2,345	0,000	2,294	2,830	2,171	1,957	1,934	1,658		
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	1,504	1,268	1,424	2,055	2,089	0,943	1,758	1,690	2,505	1,658		
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		
17310	Tecelagem de algodão	8,122	4,059	2,215	2,207	2,437	2,830	0,000	0,000	0,000	0,000		
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	0,000	1,806	1,950	1,651	1,318	3,718	0,000	0,000		
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	1,504	2,255	1,994	1,204	1,054	1,857	1,119	1,033	0,875	0,793		
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	0,000	0,000	0,000	0,574	0,388	1,007	0,865	0,750	1,094		
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	6,345	3,529	2,416	1,370	1,444	2,251	1,154	0,453	1,336	2,055		
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,990	0,966	0,880	0,560	1,000	1,366	1,767	1,533	1,248	0,852		
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	3,124	2,360	1,812	2,070	1,194	0,431	0,439	0,423	0,854	1,658		
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	2,215	2,838	6,500	7,430	3,691	5,070	3,340	4,052		
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	6,152	3,718	2,296	2,026		
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	2,659	1,668	1,295	1,089	0,591	0,708	0,626	1,260	1,312	1,572		
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,606	0,317	1,266	0,673	1,539	2,134	2,019	2,033	2,333	2,559		
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,487	0,875	2,373	2,337	1,898	0,981	0,684	0,869	0,858	0,553		
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	3,213	2,959	1,464	1,253	1,611	1,873	2,501	1,848	1,880	2,169		
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	2,538	2,542	2,405	2,615	2,455	2,565	2,700	2,700	2,793	2,837		
18139	Confecção de roupas profissionais	2,801	2,931	2,945	2,991	3,900	4,147	3,461	2,846	2,437	2,420		
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	2,603	1,772	1,196	1,122	0,975	1,326	1,623	1,678	1,670	1,533		
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,725	0,643	0,903	2,250	2,477	3,886	2,231	2,296	1,765		
	TOTAL	2,286	2,187	2,055	2,152	2,097	2,212	2,360	2,312	2,357	2,402		

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.



TABELA 7 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE EMPREGO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM LONDRINA - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL										
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	
17116	Beneficiamento de algodão	0,027	0,000	0,322	0,000	0,071	7,734	4,923	0,000	7,287	5,097	
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,710	0,524	0,915	1,668	1,976	1,713	2,614	2,003	0,272	0,473	
17213	Fiação de algodão	0,537	0,486	0,746	0,857	0,716	0,000	0,000	0,606	0,000	0,000	
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	6,771	7,211	6,874	6,144	6,362	7,025	6,345	5,718	5,183	5,671	
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	7,035	5,678	5,840	
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	4,448	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,068	0,050	0,061	0,061	0,062	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	0,546	0,379	0,447	0,151	0,376	0,188	0,128	0,138	0,208	0,290	
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	5,516	6,056	4,031	3,895	3,566	3,131	3,543	4,228	4,478	4,722	
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	0,164	0,075	3,137	4,275	5,946	3,849	4,143	3,815	2,755	2,535	
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	1,026	0,843	1,493	2,071	2,441	1,816	1,937	2,187	1,259	1,455	
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,054	0,041	0,041	0,090	0,270	0,366	0,613	0,882	0,323	0,450	
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,392	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	8,402	16,496	0,563	0,000	0,000	5,153	0,000	0,000	0,503	0,476	
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,939	1,988	0,244	0,454	0,312	3,483	0,150	0,227	0,393	0,550	
17710	Fabricação de tecidos de malha	7,633	1,456	1,830	1,527	2,801	2,020	0,643	0,281	0,373	0,368	
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,695	0,557	0,087	0,472	0,642	0,278	2,756	0,717	0,134	0,232	
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	1,346	0,839	1,436	1,356	1,794	0,982	0,811	1,236	1,111	1,533	
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	3,965	3,702	2,748	2,598	2,149	2,151	1,892	1,946	1,914	1,684	
18139	Confecção de roupas profissionais	0,551	0,914	0,862	0,971	0,688	0,973	1,038	0,852	0,466	0,333	
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	1,461	1,421	1,760	1,506	1,827	1,392	1,111	0,955	0,814	0,752	
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,000	0,166	0,071	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
	TOTAL	3,121	2,841	2,412	2,327	2,090	2,059	1,822	1,817	1,704	1,610	

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 8 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE ESTABELECIMENTO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) EM LONDRINA - 1995-2004

Código	Descrição	QUOCIENTE LOCACIONAL										
		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	
17116	Beneficiamento de algodão	0,210	0,000	0,500	0,300	0,327	0,743	0,720	0,000	0,911	0,909	
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	2,981	3,640	1,341	2,501	3,011	2,478	2,748	2,585	1,291	1,988	
17213	Fiação de algodão	0,677	0,582	0,867	0,000	0,886	0,000	0,000	0,816	0,000	0,000	
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	3,312	2,275	2,633	2,587	2,688	3,540	3,598	3,525	3,521	3,615	
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	7,451	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	1,863	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	3,312	2,912	1,638	1,364	1,505	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	1,656	2,157	1,475	1,364	1,221	0,929	0,458	0,431	1,107	1,037	
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	1,277	0,939	1,638	1,936	1,771	1,458	2,198	2,525	2,213	2,227	
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	0,931	1,266	1,341	2,587	2,230	2,028	2,361	1,891	1,127	1,120	
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,727	1,040	1,518	1,480	0,965	0,684	0,804	1,119	0,902	1,338	
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,382	0,339	0,335	0,313	0,307	0,646	1,079	1,057	1,081	1,808	
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	1,638	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	7,451	7,281	4,915	0,000	0,000	7,435	0,000	0,000	1,937	1,768	
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	1,064	1,396	0,383	0,411	0,456	0,531	0,512	0,789	0,830	1,646	
17710	Fabricação de tecidos de malha	2,447	2,048	2,107	2,289	2,179	2,059	2,125	1,454	0,984	0,558	
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,954	0,628	0,351	0,883	0,933	0,589	0,840	0,725	0,434	0,482	
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	0,849	1,011	1,250	1,284	0,916	0,973	0,829	1,215	1,139	1,058	
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	1,559	1,536	1,360	1,295	1,325	1,233	1,180	1,045	1,000	1,010	
18139	Confecção de roupas profissionais	1,199	1,133	0,838	0,807	0,836	1,037	0,945	0,950	0,949	0,845	
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	1,656	2,080	1,671	1,526	1,129	1,058	1,052	0,754	0,678	0,478	
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,784	0,000	0,000	0,682	0,579	0,000	0,000	0,620	0,000	0,000	
	TOTAL	1,427	1,400	1,260	1,266	1,224	1,158	1,123	1,047	0,982	0,989	

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 9 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE EMPREGO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) NAS CIDADES DO CORREDOR DA MODA - 1995/2004

Código	SETOR Descrição	CIANORTE		APUCARANA		MARINGÁ		LONDRINA	
		1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	0,815	0,000	0,031	6,956
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,153	0,333	0,041
17213	Fiação de algodão	0,000	0,000	20,119	14,144	8,492	10,846	0,852	0,000
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	14,072	0,000	0,000	0,000	22,306	10,797	33,664	21,396
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,257
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	3,928	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17310	Tecelagem de algodão	0,000	0,324	0,000	0,191	0,029	0,061	0,000	0,000
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	2,733	0,000	0,000	0,365	0,000
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	0,000	0,252	0,000	0,000	0,062	0,000
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	0,000	0,102	0,000	2,304	1,315	0,279	0,081	0,100
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	0,059	0,081	6,710	0,000	0,063	2,226	3,528
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	1,584	9,629	4,061	6,395	2,442	1,291	0,041	2,066
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,000	0,483	0,382	4,805	0,153	0,673	0,456	1,052
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,000	0,000	0,259	5,547	0,901	2,779	0,048	0,367
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,891	0,000	0,000
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	0,638	0,000	0,000	0,000	0,096	0,059	0,156
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,000	2,160	11,215	6,916	1,643	0,865	0,791	0,342
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,000	1,978	0,000	2,048	2,885	2,412	4,244	0,151
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,000	0,000	0,132	1,244	0,212	0,018	0,655	0,143
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	0,461	9,585	0,755	1,413	1,176	3,751	0,464	2,141
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	16,270	18,960	3,951	7,093	3,106	4,225	3,625	2,772
18139	Confecção de roupas profissionais	0,000	0,000	5,618	12,712	3,379	4,541	0,386	0,421
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	2,258	8,893	79,976	103,080	0,750	1,661	1,753	2,053
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,000	181,033	0,000	0,811	0,000	0,000
	TOTAL	6,837	10,609	5,213	10,105	2,404	3,090	2,355	2,109

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.

TABELA 10 - QUOCIENTE LOCACIONAL DE ESTABELECIMENTO POR CLASSE DE ATIVIDADE (CNAE - 1995) NAS CIDADES DO CORREDOR DA MODA - 1995/2004

Código	SETOR Descrição	CIANORTE		APUCARANA		MARINGÁ		LONDRINA	
		1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
		17116	Beneficiamento de algodão	0,000	0,000	0,000	0,000	1,428	0,000
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,071	0,935
17213	Fiação de algodão	0,000	0,000	8,648	15,882	3,322	2,469	0,813	0,000
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	14,739	0,000	0,000	0,000	4,884	5,824	10,754	12,701
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	1,162	1,457
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,000	11,734	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17310	Tecelagem de algodão	0,000	4,137	0,000	3,302	1,444	0,770	0,000	0,000
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,000	0,000	0,000	9,322	0,000	1,087	0,764	0,000
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais	0,000	0,000	0,000	2,619	0,000	0,000	0,890	0,000
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	3,293	2,171	0,000	5,200	1,091	0,808	1,201	1,058
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	0,000	1,470	1,274	5,868	0,000	0,821	0,718	1,671
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	3,520	8,534	2,278	2,919	2,916	1,815	0,428	0,990
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	2,206	0,805	4,282	7,068	0,731	0,749	0,536	1,176
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,000	0,000	3,483	5,323	5,351	2,482	0,655	2,707
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	3,222	0,000	0,000
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,000	6,491	0,000	0,000	0,000	1,208	2,491	1,054
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,000	1,490	10,663	13,083	3,003	1,387	1,202	1,452
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,000	2,793	0,900	3,344	0,461	2,079	1,860	0,453
17728	Fabricação de meias	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
17795	Fabric. de outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,000	0,000	0,629	0,977	0,483	0,342	0,946	0,298
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	0,477	5,216	0,617	1,332	1,975	2,291	0,522	1,118
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas etc.	8,324	16,638	2,075	4,459	2,002	3,134	1,230	1,116
18139	Confecção de roupas profissionais	0,000	0,000	2,142	4,393	2,194	1,920	0,939	0,670
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	8,214	2,348	23,253	57,631	2,552	3,059	1,623	0,953
18228	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	0,000	0,000	0,000	7,008	0,000	1,634	0,738	0,000
	TOTAL	5,658	11,014	2,770	6,283	1,824	2,555	1,139	1,052

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Elaboração dos autores.